



ANÁLISE DE PARADOXOS, COM BASE NA MEMÓRIA E IDENTIDADE, DO PROTAGONISTA DE A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS

Eduardo Pereira Machado

Universidade La Salle (Unilasalle)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Jenifer Schnorr Simão

Universidade La Salle (Unilasalle)

July Helen Valle da Silva

Universidade La Salle (Unilasalle)

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise da identidade, inconstante e indefinível, tendo como *corpus* o romance contemporâneo de Valter Hugo Mãe, *A Máquina de Fazer Espanhóis* (2011). O objeto de estudo será o narrador-personagem António Jorge da Silva. Por meio de memórias, percebe-se que a construção da identidade desse ser fragmentado é consequência de uma ditadura que o influenciou e de uma vida que orbitou em torno de seu egoísmo. Para explicitar tal afirmação, destacam-se passagens do livro que, ao demonstrarem a oscilação de conduta perante a moral, contrapõem radicalmente as atitudes duvidosas do personagem ao evidenciarem a estabilidade do amor conjugal e fraterno, mostrando-se como amparo a uma identidade instável.

Palavras-chave: identidade; memória; Valter Hugo Mãe.

RESUMEN

Este artículo propone un análisis de identidad, inconstante e indefinible, con el corpus de la novela contemporánea de Valter Hugo Mãe, *A Máquina de Fazer Espanhóis*. El objeto de estudio será el personaje narrador António Jorge da Silva. A través de los recuerdos, está claro que la construcción de la identidad de este ser fragmentado es el resultado de una dictadura que lo influenció y una vida que orbitó su egoísmo. Para aclarar esta afirmación, los pasajes del libro destacan que, al demostrar la fluctuación de la conducta frente a la moral, se opone radicalmente a las actitudes dudosas del personaje al mostrar la estabilidad del amor conyugal y fraterno, mostrándose como un soporte para una identidad inestable.

Palabras clave: identidad; memoria; Valter Hugo Mãe.

Eduardo Pereira Machado é doutorando em Letras pela UFRGS e docente da Unilasalle.

E-mail: dudukuks@hotmail.com

Jenifer Schnorr Simão é graduanda do curso de Letras – Habilitação em Língua portuguesa e Respectivas literaturas na Unilasalle de Canoas.

E-mail: jeniferschnorr02@gmail.com

July Helen Valle da Silva é graduanda do curso de Letras – Habilitação em Língua portuguesa e Respectivas literaturas na Unilasalle de Canoas.

E-mail: julyhelen@gmail.com



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao pensarmos em *identidade* podemos imaginar o conceito tradicional do termo, como sendo algo engessado, algum tipo de marca que caracteriza uma pessoa ou mesmo o próprio documento de identificação, conhecido como RG (Registro Geral). Levando em consideração essas definições, pode-se dizer que *identidade* é algo estático. Contudo, referindo-se à *identidade do ser*, o conceito se torna algo moldável através de memórias coletivas e individuais. Segundo Colombo (2012), a complexidade da sociedade moderna traz consigo discussões sobre o tempo em que estamos vivendo e sobre qual é o resultado dessa transformação no sujeito do presente. As mudanças que esse período nos trouxe vão desde a ruptura das amarras religiosas à independência do homem como condutor de seu destino, dando-lhe uma liberdade que até então não existia.

Tomando essas alterações de comportamento como uma realidade, a autora supõe que o homem não poderia mais ser dominado por outro homem. Todavia, tendo como exemplo a autoridade que as ditaduras mantêm sobre as sociedades oprimidas, pode-se dizer que essa emancipação do sujeito é falsa e que ele prefere ser conivente com o regime ao invés de se impor a ele.

Analisando o contexto histórico, Colombo (2012) ressalta que o homem moderno se desprende sim de limitações, mas continua, muitas vezes, disposto a se calar, resultando num sujeito que se adapta e que se dissolve. Assim é formada a inconstância do ser, como ocorre com António Jorge da Silva, narrador-personagem do aclamado livro de Valter Hugo Mãe, *A Máquina de Fazer Espanhóis*, que foi vítima da ditadura salazariana, em Portugal:

[...] eu e a Laura fizemos a vida através de um padrão discreto de rebeldia. Era uma rebeldia nenhuma, mas antes uma mágoa que não nos fazia agir contra nada nem contra ninguém, e só nos amargava as ideias os intentos dos outros, isto passava sobretudo pelo regime, claro, ao qual não desobedecíamos mas do qual não gostávamos particularmente. Era uma prudência, como afirmávamos nas poucas conversas secretas em que mencionávamos entre os dois o assunto (MÃE, 2016, p. 183).¹

Tomando como objeto de estudo o personagem criado por Mãe, destaca-se na análise do ser inconstante o fator da memória que “alimenta a identidade” (CANDAU, 2012, p. 16). Sendo assim, no decorrer da leitura, verifica-se que Silva, além de narrar os presentes acontecimentos, volta ao passado e molda suas lembranças para justificar seus feitos e sentimentos, provando que são essas recordações que regem a pessoa que ele é hoje. Como afirma Joël Candau (2012, p. 16):

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.

Nessa perspectiva, as memórias, bem como o processo histórico, manipulam a identidade volúvel do narrador-personagem, que tem como único segmento constante em sua narrativa o amor pela falecida esposa, Laura. Além disso, sua estadia no asilo Feliz Idade fez uma única mudança permanente na sua personalidade: a abertura para a vida social, por necessidade, mediante as sensações de solidão e estranhamento com as quais se deparou, ou por transferência, já que não

¹ Todas as citações diretas da obra apresentadas no artigo possuem a peculiaridade do autor Valter Hugo Mãe de não empregar letras maiúsculas em seus textos.



depositava mais à mulher a lealdade e a cumplicidade, devido a sua ausência.

1 UM PROTAGONISTA CONTRADITÓRIO

O português António, de 84 anos, protagonista e também narrador-personagem do romance *A Máquina de Fazer Espanhóis*, por meio de lembranças da ditadura salazariana, de descrições do presente vividas no asilo Felicidade e de digressões de uma mente confusa, apresenta-se como alguém marginalizado pela sociedade, preso em uma casa de repouso e que tenta lidar com a morte da esposa. A obra se mostra simples, por fazer uso de uma linguagem coloquial; ousada, pela ausência de marcações de diálogo e de letras maiúsculas; e próxima ao leitor, por trazer pensamentos reais e cruéis absolutamente familiares a qualquer ser humano. Essa última característica também se dá pelo comum sobrenome *Silva* e no decorrer do livro apresentam-se alguns outros *Silvas*, representando um mesmo tipo, que compartilha de uma mesma memória e, no caso, trata-se da história política nacional. O idoso demonstra-se, diversas vezes, irresponsável, infantil, agressivo, antissocial e egoísta, formando uma incógnita em relação ao próximo passo que será tomado pelo protagonista, como podemos observar na declaração “desci para jantar porque me foram buscar. não me esqueceria, mas subitamente perdi qualquer ímpeto e não faria nada se não fosse obrigado ao contrário” (MÃE, 2016, p. 41).

Tendo em vista o comportamento imprevisível de António, podemos analisá-lo de acordo com a divisão do filósofo Jean-Jacques Rousseau (1959), do sujeito que oscila entre o *ser* e o *parecer*, lugar ambíguo em que o homem moderno é constantemente inserido. O “ser” refere-se à identidade assumida na esfera privada e o “parecer” pode ser interpretado como um indivíduo pertencente ao todo, à homogeneização da sociedade, que busca manipular padrões de ideias e conduta:

Já não se ousa parecer o que se é; e nessa sujeição perpétua, os homens que formam esse rebanho que se chama sociedade, colocados nas mesmas circunstâncias, farão todos as mesmas coisas, se motivos mais poderosos delas não os desviam. Portanto, jamais se saberá bem com quem se trata. [...] Que cortejo de vícios não acompanhará essa incerteza? Não mais amizades sinceras; não mais estima real; não mais confiança fundada. As suspeitas, as desconfianças, os temores, a frieza, a reserva, o ódio, a traição serão ocultados incessantemente sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão louvada que devemos às luzes do nosso século (ROUSSEAU, 1959, apud STAROBINSKI, 1991, p.17).

Considerando a fala do filósofo, observamos, durante a leitura de *A Máquina de Fazer Espanhóis*, episódios em que António mostra-se titubeante entre esses polos. Como na lembrança que o personagem narra sobre um rapaz antifascista: primeiramente, Silva ajuda o jovem e o esconde em sua barbearia, originando uma “amizade” que perdurou anos. O protagonista relembra, ao confessar somente ao leitor, a admiração e a inveja que sentia do rebelde, pela coragem de lutar por uma mudança, como percebemos na passagem em que o rapaz defende sua resistência em relação ao ditador Salazar.

este tem de ser um nome de vergonha. o nome de um porco, para que ninguém, para a esquerda ou para a direita, volte a inventar a censura e persiga os homens que têm por natureza o direito de serem livres. e eu respondia-lhe, cala-te, miúdo, ainda me arranja umas férias nos calabouços. fica calado. [...] mas adoraria sentir coragem para me pôr ali aos berros também, mesmo exagerando, mesmo que dizendo parvoíces só pelo prazer de as poder dizer, de poder ajuizar por mim o que quisesse ajuizar. na minha barbearia. ao menos na minha barbearia. ao menos na minha casa. na minha casa e com a minha boca livre. é um porco (MÃE, 2016, p. 150).



Então, chega o dia em que os pides — agentes da Polícia Internacional e Defesa do Estado (PIDE), polícia política responsável pela repressão do regime — colocam Silva em uma desconfortável situação e questionam a respeito do rapaz. O homem, preocupado em manter as aparências e sua família fora de perigo, assombrosamente, entrega-o sem hesitar e nunca mais torna a vê-lo. O narrador, de carácter maleável, não demonstra remorso perante o relato, e sim orgulho por ter contribuído com a polícia, atenuando o medo diante do regime, seu desdém com o próximo e sua conduta antissocial:

não creio que algum dia tenha sido suficientemente amigo de alguém. fui sempre um homem de família, para a família, e o meu raio de acção esgotava-se essencialmente na minha mulher, nos meus filhos, e nos meus pais enquanto foram vivos. mas os que não tinham o meu sangue estariam sempre desclassificados no concurso tão rigoroso dos meus sentimentos. [...] não foi o rapaz estudante, comunista e revolucionário, que ajudei um dia na barbearia, capaz de mudar algo na minha maneira de me preocupar com os outros (MÃE, 2016, p. 182-183).

Essa experiência jamais fora externalizada pelo personagem e, segundo Candau (2012), tal atitude remete ao fato de ele não procurar acessar a lembrança, tendo de se deparar com a consciência: “essa experiência pode estar carregada de impressões insuportáveis, quer dizer, lembranças que não se ousa confessar aos outros e, sobretudo, a si próprio, pois elas colocariam em risco a imagem que se faz de si mesmo” (CANDAU, 2012, p. 65).

Essa afirmação justifica-se na passagem de *A máquina de fazer espanhóis*:

não contara a ninguém a história do rapaz, nem a laura percebeu como me pus de bom pai de família entregando-o à polícia. ninguém soubera do quanto me amedrontei egoísta naquele tempo do regime. que cagão de

homem eu fui, um burro sonso a remoer por dentro das agruras de aceitar e aceitar sempre calado (MÃE, 2016, p. 189).

Ademais, António leva seu egoísmo a ponto de possuir um sentimento de irresponsabilidade intenso perante seus atos; logo, o personagem realiza determinadas ações e não se considera o autor delas, é o caso do assassinato da, também moradora do Feliz Idade, Marta. O idoso afirma que “a natureza” procedeu, justificando ao leitor sua inocência perante o caso e reproduzindo o autoritarismo que sofrera no passado opressor, sempre exercido em nome de um impulso maior. Devido à identidade volúvel, após a morte de Marta, ele esquece a ação e até sente muito pela perda da colega de asilo.

Apesar de suas atitudes irreparáveis, ele se considera um “bom homem”, digno e correto, como se não tivesse o poder sobre si mesmo e suas escolhas, remetendo a uma herança fascista, em que o estado age como uma “entidade” que exerce sua força sobre os cidadãos. Vale ressaltar que, mediante um aspecto psicanalítico das ações do ser humano, segundo Araldi (2016), atitudes egoístas ou altruístas são construídas “através da educação e dos hábitos adquiridos e herdados em meio à cultura em que cada um está inserido”, ou seja, o conceito de “bom” pode ser manipulado por uma sociedade, transformando atitudes “más” em convenientes. Logo, António tenta convencer-se de sua posição benevolente, apesar da distorção do conceito de moralidade. Mas a falta de controle sobre suas atitudes é tanta que em outro episódio tenta matar outro idoso do asilo:

eu avancei cinco passos e levantei o livro por sobre a cabeça do senhor medeiros e depois a força da gravidade, e o que restava dos nervos do meu próprio braço, levaram-lhe o livro num ruído de vingança que me excitou de terror [...] e eu bati três e quatro vezes com o livro na cabeça do maldito homem [...] (MÃE, 2016, p. 238-239).



Nessa tentativa, António acaba não tendo sucesso na execução do homicídio e, com a pressão da situação, tem uma crise de falta de ar, vindo a desmaiar. O caso não é mais mencionado pelo narrador-personagem como se não fosse algo relevante para a sua personalidade egocêntrica e memória intrínseca, mas cabe ressaltar que a expressão “ruído de vingança” ocorre devido à inconformidade que Silva sente após a morte do amigo Esteves, que fora colega de quarto do idoso espancado, pois há rumores na casa de repouso de que o idoso ordenava a morte de seus companheiros de alcova, sendo assim, suspeito pela morte de Esteves. Esse fragmento se contradiz à declaração do narrador mencionada anteriormente, “não creio que algum dia tenha sido suficientemente amigo de alguém” (MÃE, 2016, p. 182), porque agora é capaz de tentar matar por vingança pela morte de um amigo.

Silva transparece mais uma das esferas de sua indefinição com a estátua de Nossa Senhora de Fátima, que, com a intenção de gerar fé e consolo, recebe dos funcionários quando chega ao Feliz Idade; entretanto, ele deixa bem claro que não crê, ao afirmar “não sou um homem religioso e [...] a perda não me fez acreditar em fantasias” (MÃE, 2016, p. 41). Ainda, para provar tal ponto, apelida a imagem de Mariazinha e retira uma das pombas que a compõem, levando o pequeno animal para “passear” pelo asilo. No entanto, após assassinar Dona Marta, o António cola, com fita adesiva, a figura do animal no ombro da Santa e declara: “[...] a estátua, só pelo esforço de me tentar convencer de que era fonte de uma boa energia, merecia alguma consideração da minha parte” (MÃE, 2016, p. 176), o que prova a sua simpatia com a imagem. Mais uma vez, o personagem cai em um paradoxo, agora no vértice da religiosidade, esse que, em específico, é o que mais oscila durante a narrativa. Mediante sua atitude cruel, Silva procura alívio junto à santa para suportar a

imagem da idosa falecida e os pesadelos: “haveria de afastar aqueles pesadelos a todo o custo. estendi a mão, apenas a mão, para fora da cama, tateando a mesa de cabeceira, e agarrei a mariazinha. levei-a para junto do meu peito. não queria estar sozinho” (MÃE, 2016, p. 185).

Mesmo assim, observa-se, na passagem em que o protagonista conversa com o médico do asilo sobre a estátua, a simpatia de António por Mariazinha novamente estremecida. Então, mais uma vez, o homem muda de opinião e mostra-se inconstante:

[...] minha pacificação para com a mariazinha era cortesia de um cavalheiro e não uma inflexão nas minhas convicções nenhuma acerca da transcendência. se a meti dentro dos lençóis, deitando-lhe a mão como se fosse navio e me agarrasse ao cais, foi porque me perdi um pouco nos pensamentos e me deu vontade de achar que tinha por ali uma companhia. mas não era mais significado nenhum. nada (MÃE, 2016, p. 206).

Observa-se que a falta de reconhecimento sobre si mesmo é tal que até atitudes infantis se fazem presentes em momentos do livro, dando a impressão de que António não se aceita na própria identidade e situação atual. Em destaque, há a necessidade que sentia em destruir as flores com que sua filha Elisa enfeitava o túmulo de Laura. Para Silva, esse era um fato dispensável de conversa, pois, exaltando seu resistente ceticismo, “o que acontecia passava numa outra dimensão, dimensão nenhuma” (MÃE, 2016, p. 201), e, afirmando a não autoria de seus próprios atos, falava que “era um gesto, uma fúria a vir ao de cima e que se manifestava pontualmente sem razão nem sentido” (MÃE, 2016, p. 201). Então, tendo como base a identidade volúvel do narrador, logo ele muda de ideia e decide reorganizar as flores do cemitério, com a desculpa de que “me deixassem em paz e ser capaz de me voltar a rir” (MÃE, 2016, p. 210).



Ainda no cemitério, reorganizando as flores, Silva fala para seu colega, Anísio: “[...] quando eu estiver para morrer não me tragam um padre, não permitam que me toque ou que se ponha a rezar em pé de mim. quando eu morrer quero garantir que não vou para o céu” (MÃE, 2016, p. 211). Porquanto, é novamente o indício de uma contradição a respeito de sua religiosidade e de seu arrependimento, porque assim que adoce e cai de cama, o narrador continua com a opinião que dividiu com o Anísio no cemitério. Essa afirmação pode ser observada no seguinte episódio do romance:

contra minha vontade trouxeram um padre ao lar durante a noite quando tive uma tosse violenta e deixei de respirar. [...] achavam que me arrependeria no último momento, mas eu não estava ainda no último momento, nem fazia intenção de me arrepender (MÃE, 2016, p. 245).

Todavia, assim que Silva sente a morte se aproximando, muda sua convicção. Dessarte, é possível notar sua inconstância acerca do arrependimento, que só seria válido no fim da vida.

naquela altura eu tinha de gritar. precisava dizer que me arrependia [...]. arrependia-me do fascismo e de ter sido cordeiro tão perto da consciência, sabendo tão bem o que era o melhor valor, mas sempre o ignorando, preferindo a segurança das hipocrisias instaladas [...]. fui um filho da puta, e merecia ser punido. [...] eu precisava morrer inteiro. um monte de peles e carnes derrubadas, mas inteiro, com a vergonha de ter sido conivente e o orgulho de ter percebido tudo (MÃE, 2016, p. 255-256).

De acordo com o excerto, o narrador-personagem demonstra lucidez sobre seus erros contrastando com sua posição fugaz ao longo de todo o enredo. Observa-se que, somente ao se deparar com a morte, António abandona sua identidade volúvel. Entretanto, é notória a inconstância do ser durante toda a vida, por meio das memórias do passado e das

atitudes do presente, e que há apenas um segmento constante, sobre o qual o idoso não muda de opinião futilmente: sua esposa, Laura.

2 AS SÓLIDAS LIGAÇÕES SENTIMENTAIS DO PROTAGONISTA

No romance *A Máquina de Fazer Espanhóis*, começamos a acompanhar o personagem Silva a partir da morte da Laura, que demonstra toda sua dor ao perder uma pessoa tão estimada, com a qual viveu 48 anos, ao afirmar estar em desespero e sentir a necessidade de respirar pelos olhos e pelo sorriso da esposa. Após o falecimento da amada, os filhos decidem que o melhor a se fazer é deixar o idoso sob os cuidados do asilo Feliz Idade. É dessa forma que começamos a conhecer o sentimento inalterável do viúvo: seu amor por Laura.

Esse viés constante em António com relação à esposa pode ser analisado sob a perspectiva de que o romance se inicia com seu falecimento. Portanto, o leitor só tem acesso à personagem através das memórias do narrador. Essa idealização de Laura, sob o aspecto da perda, é apresentada por Candau (2012, p. 189): “queremos tudo abraçar de nosso passado e sem dúvida prestamos mais atenção do que antes ao que já foi perdido. [...] Obcecados pela perda, queremos tudo transmitir [...] sem discernimento”. Ou seja, Silva agarra-se às memórias que construiu da esposa como sua “tábua de salvação” a fim de suportar a perda.

Constatamos que sua complacência para com a mulher está, até mesmo, acima dos seus descendentes, quando sua filha Elisa vai ao asilo visitá-lo e fala de seu irmão, Ricardo. O idoso narra toda a sua amargura, pois o “miúdo” não foi ao velório da mãe, e afirma:

[...] das poucas coisas que me dariam gozo nesta vida era desfazê-lo à paulada até lhe arrancar a cabeça. dava-lhe tantas naquele focinho que havia de lhe arrancar os lábios,



para nunca mais ninguém lhe dizer que tem a boca da mãe, porque ele não tem o direito de ficar com rigorosamente nada da mãe (MÃE, 2016, p. 62).

Silva leva esse sentimento até o fim de sua vida. Inclusive, quando Elisa descobre que há um testamento e que nesse Ricardo é excluído de tudo que era possível, já que “a terna lei obrigada a que um filho seja contemplado com os melhores naprons” (MÃE, 2016, p. 205), solicita ao pai que troque e assine um novo documento. Antônio fica irredutível e nega o pedido da filha, pois — de acordo com ele — “não podia admitir que o Ricardo se pensasse digno de mim, digno de Laura” (MÃE, 2016, p. 206).

Outro momento em que percebemos que só Laura e seu amor bastam para o narrador é quando, após entregar o rapaz antifascista ao regime, ele volta a viver a vida tranquilamente. A passagem abaixo prova que Antônio não se importava com outra pessoa, além dele e de sua esposa:

um homem preso pelo regime e outro acusando-o, e eu não era nem um nem outro, e a vida continuava como se nada fosse porque ao fim de cada dia encontrava a minha Laura à espera de aquecer a sopa conversando sobre os filhos crescendo e sobre como era bom sermos prudentes e legais. vivíamos como se queria, perfeitamente integrados na sociedade, sem papel de ovelhas ranhosas, ainda que sem igreja, sem amigos, sem dinheiro, sem saber nada do futuro, sem dignidade, sem essa porcaria, que não existe e que me vem sempre à boca, a alma (MÃE, 2016, p. 187).

Outrossim, quando sente que está prestes a morrer e se contradiz a respeito de seu arrependimento, Silva também lembra de Laura e que, para ele, ela era o suficiente. Isso fica evidente na seguinte passagem:

porque eu precisava de morrer consciente, recordando cada minuto do tempo com a

minha Laura, recordando como se a vida se fizera em torno dela e da família, como me terá parecido que assim devia ser um homem, como assim me havia bastado a cidadania. assente sobretudo no amor. não me tirem a consciência do amor e da sua perda (MÃE, 2016, p. 256).

Mas, apesar de seu amor por Laura, já no Feliz Idade, Antônio alterou um aspecto relevante dentro si, pois, ao longo de sua estadia no asilo, o idoso faz amigos, pela primeira vez na vida, e isso se deve à necessidade de trilhar um novo caminho sem Laura e rumo à solidão. Silva afirma: “hoje tenho pena da minha Laura por não ter sido ela a sobreviver-me e a encontrar nas suas dores caminhos quase insondáveis para novas realidades” (MÃE, 2016, p. 244). Além disso, conta que seus colegas e amigos de asilo são como uma família, “uma outra família pela qual eu não poderia ter esperado. Unida sem parencas no sangue, apenas no destino de distribuímos a solidão uns pelos outros” (MÃE, 2016, p. 250).

De acordo com Candau (2012), a contemporaneidade destruiu muitas tradições, fazendo com que o sujeito não veja mais razão em *ser*. A ausência dessas memórias que regiam as antigas sociedades resultou no surgimento de grupos fraternos. Tais círculos, emergentes da incerteza memorial e identitária, são formados com base em outros motivos, como afirma Kilani (1994 apud CANDAU, 2012, p. 187):

A maior parte das configurações, por intermédio das quais as pessoas estabelecem relações nos mais diferentes meios ou domínios e produzem sentidos, não estão mais subordinados a tipos societários. [...] Tal é o caso do parentesco, da congregação religiosa, da etnia, da identidade, da história, da memória, da crença etc.

A afirmação de Kilani (1994 apud CANDAU, 2012) explica o surgimento do sentimento afetivo do protagonista com os demais



colegas de confinamento, pois compartilhavam a mesma memória política e as idades semelhantes, trocando lembranças em que todos se identificavam, criando assim um laço entre aqueles indivíduos e ocasionando uma mudança no âmbito sentimental do protagonista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonista Antônio Jorge da Silva foi apresentado durante a narrativa como um ser fragmentado e perdido dentro de sua identidade. Por isso, Candau (2012, p. 62) explica que a memória é “evolutiva, sempre mutável e, quando ela se fragmenta, a identidade se fragmenta também”. Silva teve sua memória afetada pelas escolhas que fez durante a vida, tomado de arrependimento que não admitia e sempre tentando convencer-se que fizera o melhor que lhe era esperado. Entretanto, sua posição perante a trajetória pessoal resultou em um sujeito ilegível pela sociedade, titubeando entre atitudes “boas” e “más”, de acordo com a ética.

Para mais, analisa-se que Silva manteve a idealização por Laura devido ao seu falecimento e que ele só foi capaz de desenvolver a amizade com seus colegas de asilo porque não tinha mais a companhia de sua amada. Assim, ficou a cargo do sentimento conjugal e, posteriormente, o fraterno, ser a única “âncora” em sua identidade.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche e Paul Rée: acerca da existência de impulsos altruístas. **Cadernos Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v. 37, n. 1, p. 71-87, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cniet/v37n1/2316-8242-cniet-37-01-00071.pdf> Último acesso em: 14 de nov de 2019.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**.

Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. O mundo em minúsculas: uma leitura de “A máquina de fazer espanhóis”. **Letras**, Santa Maria, v. 22, n. 45, p. 265-275, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12218/7612> Último acesso em: 14 de nov. de 2019.

COLOMBO, Maristela. Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade do consumo. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 20, n. 1, p. 25-39, mai. 2012.

Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v20n1/a04.pdf> Último acesso em: 10 de nov. de 2019.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

PIMENTEL, Irene Flunser. A Polícia Política Do Estado Novo Português - PIDE/DGS. História, justiça e memória. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 139-156, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/107825> Último acesso em: 12 de nov. de 2019.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jaques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

MACHADO, E. P.; SIMÃO, J. S.; SILVA, J. H. V. Análise de paradoxos, com base na memória e identidade, do protagonista de "A máquina de fazer espanhóis". **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 2, p. 47-54, 2020.